

Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural^(*)

Not at all that brights is gold:
contribution for a theoretic reflexion
about the cultural journalism

No es todo que reluce oro:
contribución para una reflexión
teórica sobre periodismo cultural

J. S. FARO



É docente do programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo e professor dos cursos de jornalismo da Metodista e da PUC-SP. Doutor em jornalismo pela ECA/USP. Consultor da Capes e da Fapesp.

O presente texto é uma reflexão teórica que busca fundamentar o projeto de pesquisa sobre o jornalismo cultural como espaço público da produção intelectual desenvolvido no curso de Pós-Graduação da Metodista. As dissertações de mestrado e as teses de doutorado já concluídas ou ainda em fase de orientação no âmbito deste projeto encontram-se indicadas em www.jsfaro.pro.br

• Agradeço a Patrícia Polacow as observações precisas e valiosas feitas sobre a forma e o conteúdo deste trabalho.

Resumo

O trabalho apresenta um conjunto de considerações teórico-conceituais sobre as condições de produção do jornalismo cultural, procurando identificá-lo como um gênero, cuja complexidade vai além de sua inserção no mercado de bens simbólicos, já que suas práticas mantêm estreitas relações com a produção intelectual das diferentes conjunturas históricas.

Palavras-chave: Jornalismo; Produção cultural; Intelectuais; Cultura.

Abstract

The work presents an ensemble of theoretical and conceptual considerations about the conditions of cultural journalism production, searching to identify it as a genre, with its complexity goes beyond its insertion in the market of symbolic possessions, since its practical work maintains a narrow relationship with the intellectual production of the different historical contexts.

Key-words: Journalism; Cultural production; Intellectuals; Culture.

Resumen

El trabajo presenta un conjunto de consideraciones teórico-conceptuales sobre las condiciones de producción en el periodismo cultural, buscando identificarlo con el género cuya complejidad va más allá de su inserción en el mercado de los bienes simbólicos, ya que sus prácticas mantienen estrechas relaciones con la producción intelectual de las diferentes coyunturas históricas.

Palabras-clave: Periodismo; Producción cultural; Intelectuales; Cultura.

O jornalismo cultural¹ ocupa um papel importante na imprensa brasileira. Na atualidade, além das seções destinadas ao comentário e à crítica da produção intelectual e artística, que integram diversos veículos de grande circulação, e além dos chamados “cadernos de cultura”, também voltados para a cobertura noticiosa e para a análise dessas atividades, um número superior a 20 títulos de revistas especializadas em diversos setores da produção cultural está presente nas bancas. Ao contrário do que se tem dito a respeito de uma “profunda” crise na imprensa, que se traduziria no desaparecimento ou no enxugamento de órgãos tradicionais,² com a conseqüente perda da qualidade informativa de sua produção, as manifestações jornalísticas especializadas na cobertura de eventos culturais, na sua avaliação e na reflexão em torno de tendências da arte e do pensamento contemporâneo, mostram-se bastante intensas e numerosas e, em alguns casos, ~~com sustentação~~ material de razoável consistência.

¹ Por “jornalismo cultural” entende-se aqui a produção noticiosa e analítica referente a eventos de natureza artística e editorial pautados por seções, suplementos e revistas especializadas nessa área. O conceito de “cultura”, portanto, é o conceito genérico usualmente adotado na esfera da produção jornalística e inclui o acompanhamento que essa produção faz em torno das tendências interpretadoras que se apresentam na mídia pelo processo de legitimação pública conferida por seu vínculo com problemas emergentes da sociedade contemporânea.

² Refiro-me aqui a uma interpretação bastante comum segundo a qual a imprensa atravessa nos últimos cinco anos, pelo menos, uma crise de dupla natureza e que pode ser sintetizada em sua dimensão econômico-editorial. A tradução desse momento não se revelaria apenas nas dificuldades financeiras dos órgãos de informação, mas também na perda de sua substância propriamente jornalística, isto é, uma espécie de pasteurização nos processos de produção que estaria levando as pautas dos principais jornais a um exercício de pouca densidade informativa e investigativa

Apesar dessa presença quantitativamente significativa, o jornalismo cultural ainda não conseguiu produzir em torno de si reflexões acadêmicas que dêem conta de sua complexidade. Embora se possa afirmar que estamos diante de uma vaga, dada a proliferação de livros, artigos, disciplinas em programas de pós-graduação e nos próprios cursos de graduação, *sites* e até comunidades virtuais que discutem o assunto, os estudos existentes sobre o gênero, na maior parte dos casos, enveredam por linhas de interpretação que diluem sua natureza em explicações formalistas que, por sua simplicidade, acabam por turvar a riqueza de possibilidades de análise que o jornalismo cultural permite, com sérios prejuízos para a pesquisa e para o aprofundamento da discussão em torno desse fenômeno.

Exemplo disso é a matéria do jornalista Breno Castro Alves publicada no site *Comunique-se* em 20 de abril de 2006 (www.comunique-se.com.br), intitulada *Os desafios do jornalista que cobre Cultura*. Trata-se de um inventário que procura apontar as dificuldades enfrentadas nessa área que, segundo o autor, é a que “exige a maior quantidade de esforço e dedicação do jornalista”. Diz Breno Castro Alves:

“...essa vertente [a do jornalismo cultural] se propõe a cumprir a tarefa de cobrir, analisar e relatar os principais expoentes da produção cultural do gênero humano, em áreas tão diversas quanto dança, artes plásticas, teatro, música ou cinema e em regiões que vão desde o sertão nordestino até as estepes russas” (www.comunique-se.com.br).

Essa complexidade teria sido agravada com o advento da Internet, instrumento por meio do qual as demandas do público interessado têm sido exponencialmente ampliadas. Apesar dessa importância e dinamismo, no entanto, a opinião de alguns editores de cadernos e publicações do gênero entrevistados para a matéria de Breno Alves é bastante cética: para eles, o sentido de urgência do noticiário cultural, as pressões do mercado e até mesmo a pouca qualificação dos jornalistas para cobrir a área acabam funcionando como elementos que criam empecilhos para a qualidade de sua produção.

A matéria do *Comunique-se* desencadeou uma razoável repercussão entre os freqüentadores do *site*, a julgar pelo número de comentários interativos que o texto provocou: em apenas cinco dias, foram mais de 60 opiniões registradas sobre o levantamento de Breno Alves, todas também marcadas, em sua maioria, por uma recorrente dose de descrença no papel do jornalismo cultural. Invariavelmente, os internautas que participaram da discussão classificaram o gênero como espaço de mercado, de vaidades, de despreparo dos editores, de oportunismo etc. corroborando a idéia, também presente no âmbito universitário, segundo a qual as pautas da produção do jornalismo cultural só encontram lógica nos fundamentos do que ele aparenta ser: um prestador de serviços de pouca qualidade que oculta uma operação de natureza basicamente econômica. Nesse sentido, cadernos, seções e suplementos que noticiam e analisam os eventos classificados genericamente como “culturais” não fazem mais que reproduzir uma mesma concepção do jornalismo em geral, isto é, uma atividade marcadamente dominada por interesses empresariais que se impõem aos veículos por seu valor de mercado, empobrecendo a dimensão social da notícia. No jornalismo cultural e fora dele, a natureza fundamental das coberturas poderia ser resumida a um desempenho profissional hegemonicamente dominado pelas pressões das assessorias de imprensa, pelas relações de poder estabelecidas pelas empresas jornalísticas e pelo oportunismo publicitário.

No âmbito acadêmico as reflexões sobre o tema eventualmente exploram variáveis mais complexas que atuam sobre a produção do jornalismo cultural, mesmo quando visto sob o prisma do sentido geral da mercantilização que estaria dominando as atividades da imprensa em todas suas editorias. Exemplo de uma concepção mais refinada em torno desse fator estruturante do gênero é o artigo publicado por Herom Vargas na revista *Estudos de Jornalismo e Relações Públicas* da Metodista.³ Para o autor,

³ Herom VARGAS. *Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo. Estudos de Jornalismo e Relações Públicas*, ano 2, n. 4.

⁴ Para Daniel Piza, “...uma tendência do jornalismo brasileiro recente (...) é a

“alguns dos sintomas do estado atual do jornalismo cultural (que Vargas considera em crise) têm a ver com sua permanente sujeição aos ditames da lógica mercantil no capitalismo, visível na incorporação da dinâmica da publicidade e no consumo/leitura imediata” (*Revista Estudos de Jornalismo e Relações Públicas* da Metodista, ano 2, n. 4, dez. de 2004).

Na medida em que entende a notícia na imprensa contemporânea como portadora de um “valor de troca” que condiciona sua existência, Herom Vargas considera impraticável que sua produção possa estar descolada das determinações do sistema econômico que lhe dá sustentação, isto é, fora do seu enquadramento como mercadoria, lógica da qual se pode extrair a medida pela qual o gênero deve ser analisado. Diz Vargas:

“(…) como é possível avaliarmos a produção jornalística da área cultural, levando em conta sua característica de produto do sistema capitalista e a manutenção de determinado nível de qualidade que, obviamente, não encontramos nas mercadorias, muito estandarizadas e voltadas à mera finalidade hedonista do consumo. Em outras palavras, como manter certo grau de profundidade e reflexão em um produto que teima em ser superficial, por conta das relações de determinação mútua travadas com seu entorno cultural e técnico?” (Idem).

Para Herom Vargas, enxergar o jornalismo cultural fora desses condicionamentos não seria mais que manifestação romântica, já que o ensaísmo e a crítica, que antes se constituíam nos elementos característicos fundamentais do gênero, pertencem a um passado irrecuperável e desfigurado pela natureza contemporânea dos processos jornalísticos.

Naturalmente, não se pretende neste ensaio ignorar a contribuição que essa linha de abordagem e de interpretação dá para o entendimento do jornalismo cultural. Afinal, não há como desconsiderar essa dimensão empresarial do jornalismo e a racionalidade que ela imprime aos veículos na concorrência que se estabelece no mercado de bens simbólicos. Imaginar que algum segmento midiático ou jornalístico possa estar livre dessa lógica

seria adotar um enfoque tão abstrato e idealista quanto dissonante da observação dos fatos: basta percorrer séries históricas das publicações do gênero para se perceber que uma parte significativa de suas pautas guarda uma relação muito estreita com os critérios da celebração fetichizada, que a indústria cultural agrega às coberturas jornalísticas. No caso do jornalismo cultural, essa relação é potencializada pela vinculação quase imediata entre seus ícones (no cinema, no teatro, na literatura etc.) e o sentido espetacular que eles adquirem em todo o complexo midiático. No final das contas, quando o leitor se depara com uma crítica teatral, por exemplo, há uma enorme dificuldade em distinguir o que é reflexão sobre a dramaturgia e o que é reiteração da mitologia criada pela televisão. Os suplementos culturais estão recheados de situações dessa natureza.

No entanto, nem tudo que reluz é ouro. A sedução que essa análise provoca – a da relação elementar e determinante entre o mercado de bens simbólicos e o jornalismo – pode ocultar a complexa natureza da produção cultural e a não menos complexa relação que essa produção estabelece com o jornalismo. Portanto, é preciso, segundo entendemos, relativizar a assertiva que concebe o jornalismo cultural como uma prática estruturada exclusivamente por variáveis externas à matéria-prima com a qual trabalha sob pena de, não o fazendo, persistir um paradoxo bastante comum nos estudos e nas pesquisas sobre o jornalismo, isto é, o divórcio com que as práticas profissionais são vistas sob o prisma teórico-conceitual e aquilo que é observado no plano empírico ou, em outras palavras, uma reflexão teórica insuficiente para dar conta da complexidade do fenômeno observado. Nesse sentido, a hipótese com a qual trabalhamos é a de que *o jornalismo cultural constitui-se em um território de práticas jornalísticas que tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas*. É essa dupla dimensão, mas em especial do papel que a segunda desenvolve no âmbito da primeira, que explicaria o jornalismo cultural como um gênero marcado por uma forte presença autoral, opinativa e analítica que extrapola a mera cobertura noticiosa, identificando-se com

movimentos estético-conceituais e ideológicos que se situam fora do campo das atividades da imprensa. Daí a idéia central dessa contribuição: o jornalismo cultural visto (também) como um espaço público da produção intelectual.⁴

Além das restrições que fazemos a uma visão “econômica” do jornalismo cultural cujas características e limitações procuramos sintetizar anteriormente, outra dificuldade em recuperar as linhas de análise do fenômeno reside na amplitude conceitual pouco rigorosa com que o tema tem sido estudado. O melhor exemplo vem da afirmação óbvia, tantas vezes repetida, segundo a qual “todo jornalismo é cultural”, uma espécie de truísmo ao qual se segue quase sempre uma outra tautologia: “todo jornalista é um intelectual”. O horizonte dessas definições é tão vasto e tão diluidor de uma demarcação dos diferentes tipos de produção jornalística que seu resultado só pode conduzir a uma abstração autoritária. A rigor, essas generalizações acabam por ocultar a especificidade dos objetos, e sua generosidade (“tudo é isso e tudo é aquilo”) não diz respeito à natureza epistêmica do assunto, mas à sua inserção no universo geral dos fenômenos sociais. Equivaleria dizer mais ou menos que “todo homem é um ser social” ou “todo homem é um ser político”, constatações que a filosofia, a sociologia e a ciência política deixaram gradativamente de lado na medida em que adensaram sua compreensão sobre a complexidade da existência humana. A ninguém ocorreria negar que, além de “social” ou “político”, o homem pode ser também trabalhador braçal ou regente de orquestra sinfônica. Pois, com esse tipo de conceituação do jornalismo cultural acontece exatamente o inverso: a largueza

de querer aparentar o jornalismo cultural aos outros – político, econômico, policial etc. – em método, o que, numa frase, significa não reconhecer o maior peso relativo da interpretação e da opinião em suas páginas”, fato que leva o autor a concluir que “há muito o que fazer pelo jornalismo cultural como gênero da reportagem, inclusive no chamado ‘hard news’ (...) mas isso não pode ser feito à custa da análise, da crítica, do debate de idéias – vocações características do jornalismo cultural e carências fortes do leitor contemporâneo” (In: *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2003. p 8)

⁵ *Divulgação e jornalismo cultural*. In: Linda Rubim. *Organização e produção da*
150 • Comunicação e Sociedade 46

aparentemente profunda contida na afirmação segundo a qual “todo jornalismo é cultural” (e “todo jornalista é um intelectual”) esconde, segundo entendemos, uma incompreensão radical quanto aos desdobramentos concretos da atividade jornalística e a possibilidade de que ela possa tomar corpo em um tipo específico de cobertura, com interseções próprias, lógicas próprias, especificidades etc.

Ainda no âmbito das dificuldades conceituais existentes para o estudo do jornalismo cultural, vale lembrar que em contraposição à amplitude desmesurada com que o objeto é tratado – e que já procuramos apresentar resumidamente –, persiste nos estudos sobre o tema uma perspectiva que vai na direção contrária, isto é, ajusta sua análise ao enfoque da *narrativa* como elemento que o define: o gênero não se caracterizaria pelo conteúdo de suas pautas, mas por sua proximidade com uma prática estilística localizada na fronteira com a narrativa literária, ainda que ela esteja, como jornalística, imune aos elementos ficcionais próprios da criação artística. Nesse sentido, o jornalismo é cultural porque é “cultural” o estilo, não importando muito se trata-se de reportagem ou crônica, resenha ou notícia, notícias da política nacional ou do esporte. O que vale nessa interpretação é a identificação de um sistema de significações que encontra suas origens não no jornalismo, mas na literatura, dedução responsável pela construção de um outro conceito, usado alternativamente ao de jornalismo cultural: o de “jornalismo literário”. Ora, parece evidente a inconsistência dessa análise dada a verdadeira mistura que ela promove entre objetos de natureza diversa. Uma coisa é o jornalismo como prática informativa e analítica dos fatos da cultura; outra, bem diferente, é o código com que os fatos (quaisquer que sejam eles) são narrados. É bastante razoável supor que a origem dessa fragilidade teórico-conceitual resida na explosão das novelas de não-ficção a partir dos anos 1960, tanto no jornalismo norte-americano (o *new journalism*) quanto, depois, no jornalismo brasileiro, movimento que representou uma ruptura com a estrutura convencional da narrativa jornalística. Mas disso não se conclui que o novo código se transformou em elemento constitutivo do gênero.

O tratamento do tema, portanto, exige maior rigor de demarcação conceitual por meio do exercício de identificação das particularidades do fenômeno, a exemplo do que faz Nadja Miranda.⁵ Segundo a autora, embora a mídia impressa possa ser vista, genericamente, como um canal de difusão cultural e o jornalista um artífice do processo de aculturação pública que promove a orientação do público nas sociedades contemporâneas,

“o jornalismo cultural é uma área de especialização que se realiza sob as mesmas circunstâncias do jornalismo geral e é influenciado por todos os momentos políticos e econômicos do país. Ele expressa tanto uma visão crítica, discutindo questões em pauta na atualidade, quanto opiniões ou conteúdos tradicionalmente identificado com o status quo das sociedades onde emerge”.⁶

Para Miranda, essa especificidade, no entanto, é a um só tempo o resultado da estruturação editorial dos veículos impressos e consequência histórica da gradativa ocupação da esfera pública pela produção cultural,⁷ o que a consagrou como temática do cotidiano e sedimentou uma concepção especializada do noticiário de relevância no campo da literatura, do teatro e das artes em geral. Nesse sentido, os cadernos de cultura (ainda que com nomes diversos) atestam e representam a consolidação dessa tendência no Brasil e no exterior:

“Os cadernos diários de cultura assumem a dimensão de um espaço especializado do conhecimento, inclusive no contexto de mudanças operadas na estrutura das próprias redações e na articulação das editorias de texto e arte. Enquanto expressão do jornalismo diário, eles tanto sumarizam o conjunto de manifestações culturais

Cultura, 2005.

⁶ *Ibid.*, p. 79-82

⁷ A referência a essa “ocupação da esfera pública pela produção cultural”, posta aqui como fundamento da importância constituída historicamente pelo jornalismo cultural, terá desdobramentos importantes para a identificação que nele ocupam os intelectuais. É o que pretendemos demonstrar adiante.

⁸ *Ibid.*, p. 83.

⁹ Ver Tim O’Sullivan et al. *Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura*, 2001.

que se amplificam na própria indústria cultural da qual são parte integrante, quanto são subordinados à rotinização produtiva das empresas. Como área especializada, esses cadernos representam a possibilidade de reflexão das manifestações artístico-culturais e, embora sintonizados com a atualidade, operam com critérios de noticiabilidade próprios, distintos daqueles utilizados pelas páginas do jornalismo cotidiano. Todos esses aspectos repercutem na prática jornalística de produção das notícias culturais, determinando assim suas características mais notórias”.⁸

“Outros autores reforçam a especificidade do jornalismo cultural, contribuindo para que o conceito de cultura, na aplicação particular que adquire na prática profissional jornalística, seja entendido como um conceito relacional,⁹ diferenciado de sua compreensão antropológica presente no entendimento de toda a operação noticiosa da imprensa. Neste caso, seu referente é a produção artístico-intelectual, factual ou analítica, que adquire o estatuto da notícia no espaço público, o que lhe dá também a perspectiva de localização histórica, no Brasil e no exterior”.¹⁰

Encontramos em Raymond Williams uma boa indicação teórica que nos ajuda a compreender a amplitude do fenômeno. Em *Cultura*,¹¹ diz o professor de Cambridge que ela (a cultura) “é um sistema de significações mediante o qual necessariamente (...) uma dada ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada e estudada” e que tal sistema tanto converge para o sentido antropológico do conceito quanto para a sua apreensão sociológica. Neste caso – o sentido sociológico –, estaríamos diante de sua compreensão mais especializada:

“atividades artísticas e intelectuais”, embora estas, devido à ênfase em um sistema de significações geral, sejam agora definidas de

¹⁰ Para uma boa periodização do jornalismo cultural ver Daniel Piza (op. cit) e Jorge Rivera (El periodismo cultural. Buenos Aires: Paidós, 2003).

¹¹ Raymond WILLIAMS. *Cultura*, 2000.

¹² *Ibid.*, p. 13

¹³ Jorge B. RIVERA. *El periodismo cultural*. p. 16. Ver também, em apoio a essa

maneira muito mais ampla, de modo a incluir não apenas as artes e as formas de produção intelectual tradicionais, mas também todas as ‘práticas significativas’ – desde a linguagem, passando pelas artes e filosofia, até o jornalismo, moda e publicidade – que agora constituem esse campo complexo”.¹²

A reflexão de Williams permite uma dupla constatação: o jornalismo não é apenas prática cultural constitutiva de um “sistema de significações geral”, mas também instrumento de comunicação, de reprodução e de estudo das atividades e valores que se desenvolvem no âmbito desse sistema, como de resto o próprio Raymond Williams classifica o que ele chama de “modernas instituições de comunicação”, o que indica que a atividade do registro da informação cultural desenvolve-se no interior de um sistema que intui sobre ela, na medida em que é parte da construção geral de sentidos presente na produção cultural. Deixado de lado, como o próprio Williams faz, “o pressuposto acrítico de uma sociedade de mercado” da sociologia funcionalista norte-americana que viu no processo jornalístico apenas o caráter socializador e comercial da informação – concepção ainda bastante presente em uma “sociologia ortodoxa da cultura” –, é preciso indagar sobre as condições sociais da produção cultural e seu vínculo com a produção jornalística.

Essa construção teórica de Williams, cuja essência indica um fenômeno tensionado por sua dupla dimensão constitutiva, tem sido corroborada por autores que se debruçam sobre o jornalismo cultural a partir da investigação de suas práticas. Jorge Rivera, por exemplo, identifica essa relação dialética apontada pelo professor de Cambridge, afirmando que:

“Una parte substancial do periodismo que intentaremos describir se relaciona con la reproducción y circulación del capital cultural objetivado de una sociedad, por fuera de canales institucionales como la escuela y la universidad, pero en cierto sentido la prensa cultural también es una fuente de creación de capital, y en si mes-

concepção, o trabalho de Sérgio Luiz Gadini, *A cultura como notícia no jornalismo brasileiro*. Cadernos da Comunicação, n. 8. Rio de Janeiro: Prefeitura

ma es capital objetivado. Conviene no olvidar, en consecuencia, esta doble condición creadora y reproductora, cuyos componentes aparcerán, según los casos, como dominantes o como términos complementarios”.¹³

Para esse autor, em razão dessas reflexões, a prática do jornalismo cultural pode ser identificada como um espaço de “exploración y la revelación de la ‘verdad’ literaria o artística” e também no

“papel periférico de divulgador que debe adecuar su tratamiento a outro tipo de reglas de juego, sospechadas a su vez de ser vehículos de superficialidad y banalización: las de la difusión masiva para públicos no especializados”.¹⁴

Uma dinâmica que, na acepção de Bourdieu, poderia ser vista como uma intersecção do campo do mercado com o campo do jornalismo, formulação esta que, em nossa opinião, põe por terra a possibilidade de que o gênero se manifeste – se for visto – como um espaço de produção estruturado exclusiva ou hegemonicamente a partir do mercado dos bens culturais.¹⁵

Como afirma Douglas Kellner,

“Partimos do pressuposto de que os textos da cultura [na] mídia não são simples veículos de uma ideologia dominante nem entretenimento puro e inocente. Ao contrário, são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura e crítica capazes de articular sua inserção na economia política, nas relações sociais e no meio político em que são criados, veiculados e recebidos”.¹⁶

da Cidade do Rio de Janeiro, 2003.

¹⁴ *Ibid.*, p. 17.

¹⁵ Pierre BOURDIEU. *Sobre a televisão*, 1997. Apoiamo-nos também no ensaio de Sérgio Miceli produzido como introdução à obra de Pierre Bourdieu. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Editora Perspectiva: 2004.

¹⁶ Douglas KELLNER. *A cultura da mídia*, 2001.

¹⁷ Daniel PIZA. *Jornalismo cultural*, p. 12.

¹⁸ Cristiane COSTA. *Pena de aluguel. Escritores jornalistas no Brasil. 1904-2004*.

¹⁹ *Ibid.*, p. 25.

Esse delineamento teórico-conceitual é que permite aprofundar a identidade epistemológica do jornalismo cultural como um terreno contraditório e complexo: de um lado, trata-se de uma instância da produção jornalística reiterativa dos signos da cultura de massa, espaço em que se torna possível sua verificação como produto mercadológico e disseminador dos padrões da indústria cultural; de outro, como uma outra instância, a do trânsito de produção e reflexão contra-hegemônica, cuja identificação escapa à lógica linear das relações discursivas consagradas nos demais setores da produção jornalística e cuja incidência reflete os contextos político-ideológicos que cercam, em cada situação histórica, a prática dos profissionais da imprensa.

Entendemos que essa nossa definição decorre da própria análise histórica da constituição do gênero, em especial na análise de sua formação no interior do jornalismo brasileiro. De fato, o jornalismo cultural, como diz Daniel Piza,¹⁷ se desenvolveu paralelamente à complexidade urbana e trouxe consigo, desde essa origem, a marca da crítica, inicialmente literária e depois extensiva às demais manifestações da arte e do pensamento, e às implicações políticas de sua produção. Embora se trate de uma referência feita pelo autor ao desenvolvimento do jornalismo europeu, as mesmas causas podem ser percebidas quando o gênero surge, se consolida e se desenvolve na imprensa brasileira, em especial quando se identifica nos principais centros de maior pulsão modernizadora do país a presença da crítica literária como matéria de reflexão política em veículos da imprensa paulista e carioca.

Trata-se da consolidação de uma tendência cujos traços indicam, a partir da passagem do século 19 para o século 20, duas vertentes. A primeira delas, já apontada por Cristiane Costa,¹⁸ diz respeito às fortes e complexas relações de natureza funcional e intelectual que se estabelecem entre duas atividades profissionais que estruturam as relações entre o campo literário e o campo do

²⁰ É interessante, nesse sentido, observar como os próprios intelectuais refletem sobre essas relações entre crítica literária e cultural e a imprensa para que se tenha uma dimensão do papel estruturante que elas tiveram no

jornalismo ao longo da história da cultura brasileira. Tais relações vêm marcadas, desde sua origem, pela forte influência que a vida intelectual recebia da imprensa, espaço que se constituía “[na] principal instância de produção cultural da época [a passagem do século] e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais”. Diz a autora,

Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros havia pouco importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário e, em especial, a crônica.¹⁹

Essas relações, que se estendem ao longo da história da imprensa brasileira (Cristiane Costa mapeia sua presença até a primeira década deste nosso século), transformaram o jornalismo cultural em segmento de reflexão pública, que se, em seus primórdios, é feita principalmente pela crítica literária, ao longo do tempo consagra-se como esfera pública da reflexão intelectual em geral, naturalmente a partir das possibilidades permitidas pela produção artística.²⁰ A reflexão estética se confunde com o complexo das “novas doutrinas, ancoradas numa cosmovisão laicizada”, diz Tânia Regina de Luca,²¹ permitindo aos intelectuais considerarem-se como sujeitos da transformação cultural operada pelos padrões da modernização que se espalham pela sociedade brasileira. Daí o sentido de “missão”, de “militância pensante”, que a crítica adquire na imprensa, espaço em que a discussão em torno de questões de natureza estético-expressiva transborda para considerações de natureza ético-política, um suporte midiático de representação no interior do qual atuam as elites

desenvolvimento do jornalismo cultural, naturalmente com espaços abertos para as dificuldades que o caráter da mídia na sociedade contemporânea impõe à qualidade reflexiva de ambas as atividades. Ver Silviano Santiago. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: UFMG/ Humanitas, 2004 (em especial o capítulo *A crítica literária no jornal*, páginas 158 e seguintes).

²¹ Tânia Regina de LUCA. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*, p. 21.

²² Em nossa opinião, o melhor trabalho que dá conta da complexidade ideológica da produção intelectual brasileira nessa fase e que, segundo pensamos, funciona como elemento constitutivo do jornalismo cultural, é o livro de Nicolau Sevcenko, *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na*

intelectuais com base em referenciais que se situam, no entanto, fora do enfoque específico de qualquer um dos dois campos: nem é informação, nem é literatura, mas jornalismo cultural²².

Naturalmente não é possível apontar aqui todas as publicações, ao longo da história da imprensa brasileira, que traduzem em suas pautas e nos textos de seus colaboradores esse perfil constitutivo do jornalismo cultural, e nem é esse o objetivo deste trabalho. Mas há indicativos bastante concretos de que os “segundos cadernos”, os suplementos de cultura e de literatura, as seções especializadas em crítica cultural e eventualmente as publicações específicas da área (como as revistas acadêmicas de cultura, nunca estudadas em suas relações com o jornalismo), especialmente aquelas que surgiram no eixo de maior complexidade moderna do país e que, ao longo de todo o século 20, tornaram-se espaços formadores de um público qualificado da produção artístico-reflexiva. Como consequência da dimensão adquirida em seu interior pela reflexão intelectual, tais veículos acabaram por produzir jornalismo cultural de serviço, certamente, mas também de veiculação de “interpretações” críticas de natureza bastante variada, fato que, em nossa análise e nos estudos que são desenvolvidos no âmbito da pesquisa pós-graduada, configura a identificação da produção cultural como território de conflito entre forças sociais ao redor das quais gravita a atividade do profissional da imprensa, entendido aqui como um “ator social no espaço público contemporâneo”.²³

Nessa medida, o jornalismo cultural, para além de sua dimensão informativa e mercadológica, é também uma instância de categorias valorativas e históricas, negociadas entre os vários sujeitos que a produzem. A resenha, a crítica teatral, a crítica literária, a avaliação da filmografia estão permanentemente for-

Primeira República.

²³ Fernando RESENDE. *O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo*. Ano II, n. 3, 1999.

²⁴ José Marques de MELO. In: *Indústria cultural, jornalismo, jornalistas*. Revista Brasileira de Comunicação, ano XIV, n. 65, 1991.

²⁵ Ver a esse respeito, além dos já citados: A. B. Amaral. *Nossas revistas de cultura. Ensaio histórico-literário*. *Revista do Arquivo Municipal*. Vol. CLXXIV, 1967. Antonio Cândido. *Literatura e sociedade. Estudos de teoria e história literária*.

mulando um olhar que extrapola o âmbito específico do fato motivador da pauta e do texto e se estende sobre a própria tensão decorrente da avaliação jornalística – ou da avaliação produzida para sua inserção no produto (o suplemento, a seção, a revista especializada).

Se há, portanto, fundamento conceitual nos estudos culturais de extração gramsciana é no terreno dessa forma específica de produção jornalística que ele se manifesta com bastante intensidade, traduzindo, com pertinência maior, a afirmação de Walter Lippman, segundo a qual o jornalismo não é mais o “ofício menor (...) do trabalho prático”, mas antes uma “totalidade (...) capaz de (...) interpretar e criticar todas as atividades da humanidade”.²⁴ No jornalismo cultural, ocorreria, portanto, um trânsito orgânico em torno da avaliação e da análise da produção simbólica representada pelos eventos de natureza artístico-interpretativa do mundo social, razão pela qual diversos veículos com as características já apontadas se prestaram (a despeito de suas eventuais orientações mercantis) à condição de *plataformas interpretadoras*, aglutinando correntes de pensamento, escolas, núcleos de reflexão cujo feitiço político é imanente à sua condição pública.

Essas formulações teóricas, apresentadas aqui como contribuição para o entendimento das dimensões do gênero, colocam-se essencialmente na área da comunicação e na área dos estudos específicos sobre o jornalismo, mas recebem contribuições significativas da sociologia da cultura, da história das idéias e da literatura. Nesses casos, o enfoque principal naturalmente não é o dos processos midiáticos ou propriamente comunicacionais, mas suas formulações analíticas enriquecem e concretizam a possibilidade de tratamento multidisciplinar do fenômeno. Nessas áreas, há uma considerável produção que centralizou suas atenções no inventário das revistas de cultura sob uma perspectiva historicista que deixou registrada a contribuição dessas publicações na formação de gerações de “explicadores” do Brasil e que precisam ser reinterpretadas à luz de seus efeitos

São Paulo: Nacional, 1965. José Aderaldo Castello. *A análise de periódicos da literatura brasileira* (In: R O Napoli. *Lanterna verde e o modernismo*. São Paulo: IEB/USP, 1970). A L Machado Neto. *Estrutura social da República das Letras*.

sobre a imprensa.²⁵ Em outro patamar de estudos, vinculados à área da comunicação e do jornalismo, verifica-se a presença de pesquisas que procuram dar conta da interseção entre o jornalismo cultural e a presença de movimentos intelectuais que se organizaram a partir da produção midiática.²⁶ Além disso, o aprofundamento dos estudos sobre jornalismo, em especial, vem permitindo o surgimento de um estoque significativo de análises sobre a segmentação da imprensa escrita e do papel que o acompanhamento noticioso e analítico das atividades culturais

Sociologia da vida intelectual brasileira (1870-1930). São Paulo: Edusp, Grijalbo, 1973. Sérgio Miceli. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979. Renato Ortiz. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986. Carlos Guilherme Mota. *Ideologia da cultura brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977. Wilson Martins. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: Edusp/Cultrix, 1978. Humberto Werneck. *O desatino da rapaziada. Jornalistas e escritores em Minas Gerais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. Reinaldo Cabral. *Literatura e poder pós-64*. Rio de Janeiro: Opção, 1977; Enio Passiani. *Na trilha do Jeca. Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru: Edusc, 2003. Mencionem-se, ainda, trabalhos diversos de Roberto Schwarz e de Nicolau Sevcenko, além dos dois últimos volumes da obra *História da vida privada no Brasil* dirigida por Fernando A. Novais (São Paulo: Cia. das Letras, 1998).

²⁶ Refiro-me, em especial, aos seguintes trabalhos: Alice Mitika Koshiyama. *Monteiro Lobato: intelectual, empresário, editor*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985. J.S.Faro. *Revista Realidade, 1966-1968. Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre: AGE/Ulbra, 1999. J. S. Faro. *Escritores, política e poder: a República das Letras*. In: *Ideologia, cultura e comunicação no Brasil*. São Bernardo do Campo: IMS, 1982. Antonio Hohlfeldt. *As diferenças entre jornalismo e literatura. Cadernos de Jornalismo/2*. Porto Alegre, s/d. Otávio Ianni. *O intelectual e a indústria da cultura. Revista Comunicações e Artes*, Ano 11, n. 17, São Paulo: ECA/USP, 1986. Edvaldo Pereira Lima. *Páginas ampliadas. O livro-reportagem como extensão do jornalismo*. Campinas: Unicamp, 1993.

²⁷ Ver a esse respeito, além dos já citados: José Arbex Jr. *Shovrnalismo. A notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela, 2001. Jorge Cláudio Ribeiro. *Sempre Alerta. Condições e contradições do trabalho jornalístico*. São Paulo: Olho D'Água, 2001. Berlarmino Cesar Guimarães da Costa. *Estética da violência. Jornalismo e produção de sentidos*. São Paulo: Fapesp/Unimep/Autores Associados, 2002.

tem adquirido no conjunto da produção noticiosa.²⁷

Como se tentou demonstrar, portanto, é possível perceber que o entendimento das dimensões do jornalismo cultural cobra dos pesquisadores uma ampla discussão que permita o alargamento conceitual com que o fenômeno tem sido visto. Também, nesse segmento dos estudos sobre a imprensa, a concepção de que os processos de apuração e de produção noticiosa possam ser explicados linearmente, exclusivamente com base na sua aparência factual e na econômica, tem, como efeito, um reducionismo que impede a investigação de dar conta do caráter complexo e contraditório dos objetos de análise. O jornalismo cultural, nesse sentido, ilustra, de forma privilegiada, a necessidade de aprofundamento reflexivo sobre a natureza e a amplitude de suas práticas.

Bibliografia

ALBUQUERQUE, Afonso. Um outro “quarto poder”: imprensa e compromisso político no Brasil. *Revista Contracampo*. UFF, n. 4, jan. de 2000.

BARBERO, Jesús Martín. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

BORDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1996

_____. *A produção da crença*. São Paulo: Zouk, 2002.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

Nilson Lage. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular/UFSC, 2001.

Luiz Gozaga Mota. *Para uma antropologia da notícia*. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, Vol. XXV, n. 2, julho/dezembro de 2002, São Paulo.

- CHARTIER, R. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COSTA, Cristiane. *Pena de Aluguel. Escritores jornalistas no Brasil, 1904-2004*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FARO, J. S. Revista Realidade, 1966-1968. *Tempo da reportagem na imprensa brasileira*. Porto Alegre: Age/Ulbra, 1999.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, s/d.
- HOHLFELDT, Antonio. *Cotidiano da escrita*. Porto Alegre: Edipaz, 1985.
- IANNI, Octavio. O intelectual e a indústria da cultura. *Revista Comunicações e Artes*, ano II, n. 17. São Paulo: ECA/USP, 1986.
- JACOBY, Russell. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.
- KELLNER, Douglas. *A cultura da mídia*. Bauru: Edusc, 2001.
- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários*. São Paulo: Scritta Editorial, 1991.
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Florianópolis: Insular/Editora da UFSC, 2001.
- LINS, Osman. *Guerra sem testemunhas*. São Paulo: Ática, 1974.
- LUCA, Tania Regina de. *A revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Unesp, 1998.
- MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker, 2000.
- _____. *O capital da notícia*. São Paulo: Ática: 1989.
- MARQUES DE MELO, José. Indústria cultural, jornalismo, jornalistas. *Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, v. XIV, n. 65. Intercom, julho/dezembro de 1991.
- _____. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MIÈGE, Bernard. *La sociedad conquistada por la comunicación*. Barcelona: ESRP/PPU, 1992.
- MIRANDA, Nadja. Divulgação e jornalismo cultural. In: RUBIM, Linda. *Organização e produção da cultura*. Salvador: Eufba, 2005
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira*. São Paulo: Ática, 1977
- MOTA, Luiz Gonzada. Para uma antropologia da notícia. *Revista Brasileira de*

- Ciências da Comunicação*, v. XXV, n. 2. Intercom, julho/dezembro de 2002.
- _____ (org). *Imprensa e poder*. Brasília: UnB/Imprensa Oficial SP, 2002.
- O'SULLIVAN, Tim et al. *Estudos de comunicação e cultura*. Piracicaba (SP): Unimep, 2001.
- PASSIANI, Enio. *Na trilha do Jeca. Monteiro Lobato e a formação do campo literário no Brasil*. Bauru (SP): Edusc, 2003.
- PEREIRA LIMA, Edvaldo. *Páginas Ampliadas*. Barueri (SP): Editora Manole, 2004.
- PINTO, Milton. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker, 1999.
- PIZA, Daniel. *Jornalismo cultural*. São Paulo: Editora Contexto, 2003.
- RESENDE, Fernando. O jornal e o jornalista: atores sociais no espaço público contemporâneo. *Novos olhares*, ano II, n. 3. São Paulo: ECA/USP, 1999.
- RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 2003.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Comunicação e política*. São Paulo: Hacker, 2000.
- SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre*. Belo Horizonte: Humanitas, 2004.
- SEVCENKO. *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- VARGAS, Herom. Reflexões sobre o jornalismo cultural contemporâneo. *Estudos de Jornalismo e Relações Públicas*. São Bernardo do Campo (SP), ano 2, n. 4, dezembro de 2004.
- WERNECK, Humberto. *O desatino da rapaziada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- WOLFE, Tom. *El nuevo periodismo*. Barcelona: Anagrama, 1977.